

O Desinteresse dos alunos no Ensino Médio: A importância de discutir uma educação renovada

Stephany Costa de Oliveira¹
Reinaldo Gabriel de Souza²

RESUMO

O artigo visa relatar as experiências em campo dos autores de forma descritiva, fenomenológica e crítica com o objetivo de avaliar as experiências em relação à postura de práticas empregadas com os discentes da escola campo, que estão em transição do ensino médio para a vida adulta. O objeto de estudo então proposto é o desinteresse perante aos estudos dos alunos ingressados do ensino médio, da escola campo - Centro de Ensino Médio Urso Branco (Cemub), localizada no Núcleo Bandeirante, região administrativa do Distrito Federal. A escola é conhecida pela interação e conexão da população com a escola, o que possibilita uma ação participativa da população no andamento escolar. Entretanto, ao ingressar a escola através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), observamos durante o decorrer do ano de 2023 a ausência de instrumentos essenciais para o andamento das aulas, como falta de equipamentos como datashow, falta de internet e falta de energia; acompanhado de salas lotadas e desânimo dos docentes, o que revela os problemas estruturais para toda a comunidade escolar, essencialmente os discentes. Ademais, os problemas externos como zero perspectiva com o futuro, desemprego, problemas familiares e econômicos, é o que afeta também na construção de um aprendizado saudável. Esses problemas demonstram que precisamos analisar e construir métodos que possam diminuir essa evasão pelo conhecimento.

Palavras-chave: Ensino Médio, Desinteresse, Discentes, Docentes.

INTRODUÇÃO

Sempre foi notado o desinteresse dos alunos na chegada do Ensino Médio e durante ele, construído para que tenha uma grande evasão escolar nessa fase do discente, sendo principalmente observado nas instituições públicas. Podemos observar os dados fornecidos pelo Inep na reportagem do g1.

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) mostram que a taxa de abandono escolar no ensino médio na rede pública mais do que dobrou no ano passado. Em 2020, o percentual de estudantes que abandonaram instituições foi de 2,3%, enquanto que, em 2021, a taxa foi de 5,6%. (Por Letícia Carvalho, g1 - 19/05/2022).

Como podemos ver, a pandemia influenciou nesse aumento dessa evasão e evidenciou alguns dos problemas que podem induzir no desinteresse ou na evasão escolar..

Como todos sabem, nessa etapa educacional acontece o processo da adolescência para a fase adulta, portanto, é uma época em que é aumentado as pressões impostas nos discentes, eles acabam tendo que lidar com várias responsabilidades ao mesmo tempo além da vida escolar, como por exemplo

¹Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB/Campus Riacho Fundo 1, stephany61902@estudante.ifb.edu.br;

²Graduando do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB/Campus Riacho Fundo 1, reinaldo61993@estudante.ifb.edu.br

vestibulares, trabalho, dificuldades em casa, falta de pertencimento no ambiente da escola, jornada de autoconhecimento.

Justamente com essas situações, acontece a mudança da grade curricular do Fundamental II para o Ensino Médio, não só o aumento de itinerários como também uma expansão e maior aprofundamento deles, causando um baque nos discentes por não estarem acostumado com que será passado, acarretando que o discente não consiga se adaptar e fique desanimado, ganhando o pensamento de não utilidade desses novos aprofundamentos.

Também foi observado um aumento de tempo desses alunos em tela, buscando uma satisfação e aumento de dopamina por vídeos rápidos, faz com que o desinteresse aumente em aulas expositivas sem nenhum tipo de estímulo, a procura por uma dose de dopamina rápida em constância se torna viciante e qualquer tarefa que se tenha que fazer um esforço maior e acarreta em uma demora nesse ganho, faz com que essa espera se torne angustiante para eles e com isso é observado o aumento de ansiedade que alguns discentes têm para que ocorra o término da aula o mais rápido possível e possam sair da sala e conseguir esse “alívio” de ansiedade.

[...] Segundo os especialistas, conforme o pensamento vai sendo solicitado para estímulos rápidos, mais ele vai se tornando prevalente e preponderante no funcionamento mental.

Segundo Cristiano Nabuco, isso vai ao ponto de prejudicar o raciocínio. "Quando você dá para esses jovens que passam muito tempo em frente às telas um material que envolve um raciocínio mais denso e mais profundo, eles não conseguem fazer", diz (Por Marina Pagno, g1 - 14/02/2023 04h00).

Com essas informações e pesquisas sendo feitas e observadas durante os anos, tem aumentado uma assídua discussão de como aumentar os estimular aos jovens para que eles possam se interessar pelas disciplinas ofertadas e tornar o ambiente escolar um local seguro e acolhedor para que a evasão escolar diminua nesse anos finais e os discentes não desprezem os itinerários passados e não vejam somente como um caminho para algo no final, mas um processo para ajudá-los nos seus próximos objetivos, é importante acompanharmos esse momentos de perto e tentar entender nosso papel nessa formação acadêmica e cerebral.

Poderá ser observado mais adiante como isso tem se agravado com a ampliação do novo modelo curricular do Novo Ensino Médio e como esse modelo não tem atendido as necessidades tanto dos educadores como dos educandos. O Novo Ensino Médio (NEM) é uma reforma educacional e pedagógica sancionada durante o governo Temer, e o ponto importante da reforma é a integração dos alunos enquanto estudantes ao mercado de trabalho através de oficinas e aulas técnicas. A promessa é

que o aluno é responsável pela escolha dos itinerários formativos, porém ao ingresso do programa foram evidenciando falhas e armadilhas para os alunos. A promessa de autonomia, à primeira vista, parece benéfica, mas evidencia uma falha da ingresso dos alunos em espaços da sociedade.

Um jovem que não frequenta cinema, teatro ou museus, por exemplo, dificilmente vai desenvolver um interesse específico pelas artes. Aqui, o interesse está limitado pela falta de acesso. Da mesma forma, a entrada rápida no mercado de trabalho – por meio de um curso profissionalizante, por exemplo – pode ser entendido como “interesse” de uma parcela dos estudantes brasileiros quando, na verdade, talvez seja apenas a urgência que os jovens das camadas mais pobres têm de contribuir com a renda da família. Aqui, o interesse é definido pela necessidade. (Por Fiocruz).

A análise aqui não se baseia em criticar cursos profissionalizantes, a escola deve ser sim a mediadora dos alunos para a sociedade, e capacitá-los para o mercado de trabalho, portanto, o maior interesse dos alunos de baixa renda serem em cursos profissionalizantes, apenas evidencia a dimensão espacial socioeconômica que os alunos têm.

Deve-se pontuar a falta de infraestrutura que as escolas públicas contêm, sendo marcadas historicamente por isso. Não há como inovar nas didáticas para estimular os alunos sendo que não há laboratórios na escola, não há transporte para saídas de campo, não há espaço suficiente nas salas de aula e na escola, e a ausência de tecnologias para realização das aulas.

Com o Novo Ensino Médio, isso se agravou ainda mais. É relatado a dificuldade dos professores em exercerem os novos itinerários formativos, colocando os docentes para ministrar cursos onde eles não têm capacidade, exemplo colocar um professor de inglês para dar aula de confecção de brigadeiros, no qual essa escola tampouco têm laboratórios de cozinha complementado com a ausência de contratação em parte do Estado em contratar docentes especializados na área.

A desmotivação do professor é também a desmotivação do aluno. A precarização da escola é a precarização do ensino.

Portanto, o propósito deste artigo é investigar as causas que remetem o desinteresse dos estudos dos alunos do Ensino Médio, especificamente do Centro de Ensino Médio Urso Branco, através de: 1 - Relato de Experiência do Pibid; 2 - Resultados e Discussão.

O RELATO DE EXPERIÊNCIA

No PIBID, foi nos apresentado uma Avaliação Diagnóstica produzida pela professora supervisora, Ilka Hostensky, e consiste em avaliar: demandas dos alunos sobre os vestibulares, o motivo que influenciava os alunos terminarem o Ensino Médio, e uma revisão sobre conceitos básicos da Geografia.

Em dados obtidos por um formulário dado por nossa professora supervisora Ilka Hostensky para seus alunos do 3º ano do Ensino Médio, observa-se alta demanda de alunos querendo entrar na Universidade, sendo por volta de 60% dos alunos. Com esses dados, pode ser observado que os discentes têm um pensamento que o Ensino Médio é somente uma ferramenta para alcançar esse objetivo.

Nesse mesmo formulário, pode ser observado uma porcentagem (por volta de 21,6%) que tem uma perspectiva do Ensino Médio somente como uma ferramenta de passagem para o mercado de trabalho, contendo um enorme desinteresse na escola e nos vestibulares, visando somente o diploma para poder embarcar no mercado.

A escola aqui, já não tem mais, ou nunca teve um dia, o papel social-crítico na formação dos cidadãos. O ensino sistematizado é a mediação para o mercado de trabalho, ou apenas uma transição para a Universidade, onde será novamente apenas mais uma fase sem formação social-crítica para formar proletários para o mercado de trabalho.

A evidência que deixa, é a falta de pertencimento de um lugar para os alunos, já que, a escola é nada mais que uma ferramenta que será descartada depois. A perda do significado de lugar, é a perda de pertencimento e coletividade. Milton Santos ao refletir sobre o Lugar, destaca que

Cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. SANTOS, Milton. (2006, p.314).

A reflexão que deixa é que o lugar - a escola - está sendo abandonado e se tornando vazio. A partir das vivências na escola-campus juntamente correlacionando com as pesquisas sobre as diversas escolas públicas do Brasil, o descaso do Estado perante a escolas fazendo com que aumente a falta de infraestrutura e ferramentas para poder se ter uma renovação pedagógica, faça com que os educadores tenham que se submeter às metodologias liberais tradicionais. E isso pode ser observado em outros dados desse formulário no final onde foi deixado um espaço reservado para os discentes relatarem algo para acrescentar ou criticar sobre, e muito observado foi o pedido dos alunos por aulas dinâmicas e conversadas com os conteúdos a serem passados, muitos pedindo debate e uma conversa entre turma e professor.

Esses pedidos com dinâmicas com maior protagonismo do discente é incabível

em métodos pedagógicos liberais tradicionais e isso resulta em afastamento do interesse do discente na matéria e conteúdo, quando não utilizadas ferramentas que o tragam à tona na aula. Com o sentido que observamos, muitos dos docentes acabam por apenas seguir o conhecido e “mais fácil” no método pedagógico. Isso vai de encontro nas análises pedagógicas do professor e filósofo Dermeval Saviani.

Uma boa parte dos professores, provavelmente a maioria, baseia sua prática em prescrições pedagógicas que viraram senso comum, incorporadas quando de sua passagem pela escola ou transmitidas pelos colegas mais velhos; entretanto, essa prática contém pressupostos teóricos implícitos. Por outro lado, há professores interessados num trabalho docente mais consequente, professores capazes de perceber o sentido mais amplo de sua prática e de explicitar suas convicções. (Revista da ANDE, nº 6, 1982.)

É perceptível que além de não ter uma referência de uma forma de estudo com conteúdos e itinerários que se tem dificuldades, os discentes ainda não compreendem as ferramentas que eles podem ter na palma de sua mão. Podemos observar essa compreensão novamente nos dados fornecidos pelo formulário, em que por volta de 76,8% dos discentes não utilizam a biblioteca alocada dentro de sua escola, demonstrando que como não existe um sentimento de pertencimento ao lugar, acaba que não há o conforto em buscar conhecimento nele além da sala de aula. O que é uma consequência da pedagogia liberal tradicional.

Outro fator recorrente é os alunos não estudarem fora do ambiente escolar, podendo ser novamente analisado com os dados obtidos no formulário, como por exemplo temos por volta de 41,1% dos discentes somente estudam quando há dever ou trabalho escolar, e 21,1% relatou não saber se organizar para estudar. É relatado anteriormente que há uma alta demanda de discentes querendo ingressar na Universidade, porém, não há o domínio dos discentes em se organizar para estudarem o conteúdo dos vestibulares.

Nas respostas obtidas no formulário e pela própria vivência na sala de aula através do PIBID, nota-se a dependência dos discentes perante os docentes no controle de que irão preencher o “papel em branco” que há nas mentes deles, colocando novamente o professor como atuante de uma pedagogia tradicional que eles são o protagonista e o discente apenas o observador que está ali para absorver o que está sendo passado, não considerando o saber do discente e a construção epistemológica coletiva dentro da sala de aula.

Entrando na observação do 2º ano dessa escola e utilizando o mesmo questionário sobre a importância da escola para os discentes, consegue ver uma diminuição do querer dos discentes em ingressar em uma faculdade, sendo ela por

volta de 51,7%. Analisando esse dado juntamente com que foi observado nas aulas e na prática de planejar dar a aula, podemos ter uma perspectiva do dificultamento para os alunos acarretado pela aplicação do Novo Ensino Médio, relacionado com a problemática que envolve a tendência pedagógica tecnicista, juntamente com as contradições que envolvem o Novo Currículo em Movimento, que é o currículo pedagógico que as escolas têm de seguir.

Como abordado na Introdução, o Novo Ensino Médio há problemáticas envolvendo a falta de infraestrutura para as escolas realizarem os itinerários formativos. Como falado anteriormente sobre as contradições do Novo Currículo em Movimento, pode ser notado a diminuição de carga horária de Ciências Humanas e suas Naturezas influenciou diretamente em nossa experiência no PIBID, já que as turmas do 2º ano tiveram que dividir as aulas de Geografia pela metade para ter as eletivas “Conhecendo o DF”. Em teoria, seria um itinerário que conectaria os alunos ao lugar onde habitam, pois há uma problemática dos alunos não conhecerem os museus, bibliotecas, exposições e patrimônios, democratizando o “Direito à Cidade (Lefebvre, Henri - 1968)”. Entretanto, não há um aproveitamento da eletiva com o itinerário de aulas, pois a escola não contém estrutura para saídas de campo, deixando a eletiva apenas em imagens e vídeos, o que reforça o distanciamento dos alunos da rede pública ao direito à cidade.

Retornando as problemáticas do Currículo em Movimento, os códigos formativos pedem certas competências para serem utilizadas na sala de aula, e ao lê-los aparenta uma ambiguidade e contradições, pois é descrito aulas com pensamento crítico, que adota o saber do aluno e a construção epistemológica entre a escola com seus discentes e docentes, todavia, o conteúdo dado pelo currículo é escasso, e não há aprofundamento nas Ciências Humanas

Destaca-se, também, o apagamento epistemológico das Ciências Humanas e até de outras ciências que alegam não ter utilidade no mercado de trabalho. Exemplo: simplificando as ciências, como se Geografia, História, Filosofia e Sociologia pudessem se encaixar no mesmo padrão, apagando suas individualidades, seu conhecimento e seu papel na sociedade, vindo com um discurso tecnicista liberal, que apenas Português e Matemática são essenciais para formar o cidadão, mas é para apenas formar proletários sem consciência crítica.

Por isso, mesmo querendo propagar esse ideal progressista com esses guias de aumento do senso crítico dos discentes, ele não passa de uma “cortina de fumaça” para

a volta de mais uma pedagogia liberal, formando apenas mais obra barata para o mercado e deixando o proletariado sem a chance de emancipação.

CONCLUSÃO

Com esses levantamentos observados é possível notar um problema estrutural que abrange mais todos os discentes da rede pública de ensino, e não somente a escola-campus no qual realizamos as atividades do PIBID. O apagamento epistemológico é evidente com somente algumas horas observadas dentro da sala de aula e com poucas conversas com os discentes, eles sabem os problemas relacionados a estrutura de sua própria escola e entendem uma forma de modificar, mas como não são eles que podem decidir, isso os desanima.

Não só essa falta de estrutura pode ser observada, mas a falta de pertencimento e acolhimento da escola afeta demasiadamente os discentes, por muitas vezes, principalmente em escolas públicas, eles têm uma falta de rede de apoio e estrutura em casa, acaba que na escola eles não enxergam como podem pertencer ao ambiente escolar e como se firmar.

Ao caso que percebemos que não há estrutura para ocorrer essas mudanças no método pedagógico, que hoje se ainda mantém muita exclusão daqueles que não seguem o padrão de comportamento visado pelos docentes, para poder ter dinâmicas que estimule e atraia o discente para se envolver na aula, os docentes sem visão de uma saída acabam por optar pela forma tradicional liberal, o que influencia o aumento da distância dea relação entre professor-aluno. E com esse aumento acarreta em uma sala de aula hostil, em que não se tem comunicação entre os atores dela, um fato observado por Milena da Trindade Gomes em seu artigo sobre o desinteresse em aprender em uma escola na Bahia.

[..]No cotidiano escolar escutamos sempre dos profissionais da educação reclamações com relação aos jovens que frequentam a escola, estes estão cada vez mais desinteressados, rebeldes, desrespeitosos, não veem sentido na escola e não tem expectativas quanto ao futuro.

Quando nos dirigimos aos estudantes às queixas também acontecem a se referirem à falta de estímulo e sentido nas aulas ministradas na escola [...]. (DESINTERESSE DE APRENDER: UM ESTUDO COM OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE CONTENDAS DO SINCORÁ – BAHIA.)

Com isso, podemos ter uma conclusão que os fatores que desencadeiam o desinteresse escolar dos discentes vão além do conteúdo dos itinerários e como elas estão conectadas com uma falta de estrutura básica dentro do âmbito escolar, a falta de

verba e políticas públicas para educação influencia com que qualquer seja inapto para qualquer tipo de mudança, como foi observado na questão do Novo Ensino Médio, que não adianta tentar uma mudança curricular que além de não visar a expansão de conhecimento dos discentes em uma base crítica, ela não inclui a questão social e econômica do estudante, não visando aplicar políticas públicas que ajudem na infraestrutura e estrutura escola dos discentes e docentes, porque se o docente também não tem o estímulo e consiga ver que tem mais espaço e estrutura, ele também pode influenciar o desinteresse do discente e o distanciamento dele, porque como foi falado aqui “A desmotivação do professor é também a desmotivação do aluno”.

Entender que o problema não é o indivíduo aluno, mas que o problema acarretado tanto por problemas externos e internos, o problema da estrutura, infraestrutura, do método pedagógico, na forma de enxergar e tratar o discente apenas como uma “esponja”, que está ali apenas para absorver o conteúdo e não questionar. Devemos visar que além dos fatores do ambiente físico escolar, devemos pensar na forma que a pedagogia tradicional só desbanca o conhecimento que pode ser aprendido e entendido pelo discente, foi observado que dinâmicas ajudam o envolvimento mas que se também não pensar no fatores externos, nada poderá ser mudado apenas pelo docente e pela iniciativa do discente, a construção é uma via de mão dupla, enquanto está aprendendo ele também pode ensinar algo.

A educação bancária é evidentemente uma violência epistemológica, e uma “privatização” do saber coletivo, pois se somente o docente há de ter o conhecimento no qual será passado aos discentes, resulta no distanciamento do lugar onde ele habita de segunda a sexta feira, que é a escola. Se o lugar, não há sensação de pertencimento, não há construção, não há função social, não há coletividade, tornamos cidadãos individualistas que nunca irá se questionar da sociedade individualista que eles habitam, e isso resulta na falta de percepção e debate dos problemas estruturais que nos rodeiam, fazendo assim pensar que há soluções individuais para os problemas coletivos.

Ademais, o próprio sistema ingressante das universidades - o Vestibular - corrói todo o método de ensino e as tentativas de se fazer uma educação libertadora, porque os docentes têm a missão de preparar os discentes para as Universidades, e isso transforma as aulas no próprio sistema de ensino bancário que é tanto criticado, com isso os Vestibulares se tornam uma armadilha para os docentes que desejam dar uma pedagogia libertadora, porque no final eles ainda devem seguir o currículo. Os

docentes estão acostumados ao sistema de vestibular desde o Ensino Infantil, pois o método avaliativo são provas. Durante o semestre, o discente ministra as aulas, de forma bancária e tradicional, preparando os alunos para a prova semestral, e isso torna o itinerário formativo apenas como passageiro, e o conteúdo ministrado é descartado no semestre seguinte.

Isso também pode ser visto em escolas que os itinerários são semestrais, o conteúdo ministrado no começo do ano rapidamente será esquecido até o final, porque o discente deve se concentrar em absorver o conteúdo o mais rápido que pôde para as provas e não poderá muitas vezes guardá-lo, porque no próximo semestre será um novo itinerário com novos conteúdos.

O discente acaba funcionando apenas como uma esponja, somente absorvendo o conteúdo e guardando ele na mente enquanto é necessário para as avaliações daquele semestre, depois sendo esquecido ou guardado apenas o substancial, um fato já citado por Paulo Freire.

[...] Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. (Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022).

Portanto, a partir das vivências no PIBID em conjunto com os dados analisados, nota-se a importância de uma aplicação concreta de uma educação popular, da valorização do indivíduo, de construção do coletivo, de democratização ao lugar que vivem e estudam.

É a importância de lutar por mais políticas públicas para melhorar a infraestrutura da escola, pois com as melhorias estruturais é possível pensar numa renovação pedagógica, integrando os discentes e docentes.

Obviamente, não podemos generalizar todo um problema com uma solução com mais políticas públicas, já que os problemas enfrentados na escola são complexos e diversos, entretanto, com a integração dos discentes com a escola é possível trabalhar com cada caso particular, podendo analisar cada contexto social-econômico, reconhecendo as particularidades de cada um e construindo assim um lugar que eles se sintam pertencentes. Isso é construir uma relação recíproca.

A construção de um lugar democrático leva os ocupantes desse lugar a cumprir ainda mais a sua função social e a função social da escola é construir um pensamento libertador e emancipatório, valorizando o saber comum dos discentes e docentes, onde pode ter uma troca equal de conhecimento e de sabedoria popular.

Entretanto, não podemos apenas “sonhar” na futura escola libertadora, e não lutar contra a pedagogia tradicional liberal. É necessário enxergar que esse método tradicional carrega o discurso meritocrata e individualista, semeando esse pensamento nos discentes que somente os “melhores alunos” poderão desfrutar de um bom futuro - que na verdade é apenas mão de obra para os detentores do capital - e vão ignorando os discentes que não se adequam a esse método, pois isso é basicamente segregar uma pessoa do seu direito à educação, e marginalizar um indivíduo que já está sendo marginalizado dentro da sociedade - pois estamos falando de escolas públicas -, que são colocados em escolas predominante precarizadas que estão precarizando eles, assim serão inviabilizados como cidadãos.

E como entramos em questão de políticas públicas, não podemos deixar de citar a negligência do Estado perante as escolas públicas - sendo um exemplo o currículo do Novo Ensino Médio - e acaba sendo um sucateamento proposital em favor de quem manda nos meios de produção, como dito em uma frase do historiador e sociólogo Darcy Ribeiro “A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”, evidenciando esse papel do Estado nessa precarização.

O nosso papel como cidadão, aluno, professor, educador, educando, no qual onde fomos ou somos agora algumas dessas funções, é lutar para que o Estado coloque como prioridade a educação, que coloque como prioridade a epistemologia para os cidadãos. Que haja computadores e integração com a tecnologia, merenda de qualidade, capoeira, eventos culturais, saídas de campo, formação para o mercado de trabalho de forma decente, sem priorizar quem é ou não o melhor aluno, que tenham debates de como as condições de trabalho atuais afetam seus pais e possam afetar eles no futuro, para que eles lutem por mais direitos.

Que o conteúdo ministrado em sala de aula, seja uma relação do docente com o discente, reconhecendo como o saber popular, evitando o epistemicídio. Também é importante a construção da coletividade para melhorar o lugar que os discentes e docentes estão, fazendo-os pertencentes. Que critiquem a meritocracia e que façam-os enxergar que provas como métodos avaliativos já não são mais viáveis para definir se aquele discente merece ou não passar de ano.

Devemos deixar palpável que essa luta pela melhoria não se prende somente para os docentes e discentes dentro do âmbito escolar, mas a luta deve continuar fora dela, pois a troca de conhecimento se dá fora em todo e qualquer lugar.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

CARVALHO, Leticia. Taxa de abandono escolar no ensino médio da rede pública mais que dobra em 2021, aponta Inep. g1, 19/05/2022.

DA TRINDADE GOMES, Milena; BRITO, Maria do Amparo Oliveira.

DESINTERESSE DE APRENDER: UM ESTUDO COM OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE CONTENDAS DO SINCORÁ–BAHIA.

FIOCRUZ, Por que somos contra a MP da reforma do Ensino Médio?. FIOCRUZ

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HOSTENSKY, I. L. 2º Ano - EM - GEO - Avaliação Diagnóstica - Perfil Discente - CEMUB - 2023

HOSTENSKY, I. L. 3º Ano - EM - GEO - Avaliação Diagnóstica - Perfil Discente - CEMUB - 2023

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1990.

PAGNO, Marina. Crianças e adolescentes no celular: o uso exagerado afeta o cérebro e a concentração; veja o que fazer. g1, 14/02/2023.

SANTOS, Milton. O Lugar: Encontrando o Futuro. Rua Revista de Arquitetura e Urbanismo, BAHIA, v.4, n.1, p. 34-39, 1996.